

# REDEQUIM

Revista Debates em Ensino de Química  
ISSN 2447-6099

## EDITORIAL

Nos dois editoriais anteriores, referentes ao ano de 2020 abordamos a situação pandêmica que nosso país se encontrava, diante da COVID-19. Nesse editorial, já em 2021, com muito pesar escrevemos ainda em uma situação pandêmica e seguimos uma linha editorial de denúncia dos males que nos assolam. O primeiro semestre de 2021 foi marcado por momentos como o crescimento abrupto no número de infectados e a morte diária de mais de três mil pessoas. Uma “segunda onda”, como ficou conhecido, ocorreu em paralelo com uma situação que muito nos esperançasava, o início da vacinação.

As vacinas contra COVID-19 geraram muita expectativa, porém, foram aplicadas de forma extremamente lenta. Como um país que conseguiu vacinar 88 milhões de pessoas em três meses, durante governos anteriores, agora, agiu de forma tão ineficiente? Diferentes caminhos são possíveis para tentar entender o que ocorreu, porém, escolhemos pensar a partir de alguns entendimentos da Análise do Discurso e com base na obra de Maingueneau (2015)<sup>1</sup>, principalmente, no que se refere às noções de “discursos constituintes” e discursos políticos. Os discursos constituintes são discursos capazes de dar sentido aos atos de uma coletividade de forma que sejam considerados últimos e caracterizados por uma singularidade de sua posição no universo do discurso. Eles falam em nome de um Absoluto e utilizam esse Absoluto para falar. O discurso científico é um discurso constituinte e, com isso, cientistas são convocados para opinar sobre determinados problemas, quando eles nos atingem. Tendo em vista uma situação de pandemia, provocada por um vírus, não fica difícil de imaginarmos a importância de ouvir o grupo de pessoas que passa boa parte de suas vidas estudando sobre estas questões, Podemos, então, entender que cientistas, com base em seus estudos, alertaram (no início de 2020) sobre a importância do isolamento, do “não aglomerar”. Em um momento posterior, o discurso científico alertou também sobre a ineficiência de alguns remédios, a importância da utilização de máscaras, a necessidade de uma vacina. Mesmo que os discursos constituintes não pressuponham homogeneidade, a disputa de espaço hierárquico ocorre de forma interna, a partir de publicações e debates por posições, prestígio. Já quando pensamos em outra manifestação discursiva – o discurso político, para além das similaridades com os discursos constituintes, Maingueneau nos diz:

Diferentemente, porém, dos discursos constituintes, o discurso político não pode legitimar-se a si mesmo: ele deve se apoiar nos discursos constituintes para fundamentar sua autoridade. Os posicionamentos políticos devem combinar em proporções variáveis a referência a diversos discursos constituintes. Alguns, em particular os de inspiração tecnocrática, recorrem à autoridade do discurso científico, em geral, a economia. Outros se apoiam maciçamente no discurso religioso. [...]. Pode-se acentuar a divergência entre discursos constituintes e políticos, observando que eles são assumidos numa luta pelo domínio. (MAINGUENEAU, 2015 p. 147)

Ou seja, o discurso político recorre aos muitos discursos constituintes existentes para sua construção. Ele tenta influenciar formas de viver, agir e, conseqüentemente, perpetuar sua vontade de manutenção de poder.

Quando a pandemia se iniciou, o discurso político colocou dois discursos constituintes como opostos entre si - o discurso científico e o discurso econômico. Enquanto o discurso científico recomendava quarentena, o discurso econômico dizia “nós não podemos parar por 5 ou 7 mil pessoas que vão morrer”. Essa oposição foi utilizada pelo discurso político e, assim, iniciou-se (pelo menos no que se

---

<sup>1</sup> MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise de Discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

refere à pandemia da COVID-19 no Brasil) um boicote à ciência e aos discursos científicos como detentora de poder e credibilidade para falar sobre algo. Assim, a noção de Absoluto do discurso científico foi esmagada por diversas *FakeNews* promovidas por milícias digitais – vocês lembram do medo gerado com a notícia sobre câncer gerado pelo termômetro infravermelho? Além disso, o boicote à Ciência foi feito a partir de falas oficiais do presidente da república. A tentativa desacreditar o discurso científico tinha, em nossa leitura, o objetivo de credibilizar o discurso econômico – aquele que dizia “Não podemos parar!” e responder à empresários(as) que reforçavam a ideia de que o vírus geraria um número baixo de mortes. Esses anseios empresariais, forjados com base em uma justificativa econômica foram incorporados ao discurso político marcado pelo deboche:

*"Eu acho que não vai chegar a esse ponto [a situação dos Estados Unidos]. Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele. Eu acho até que muita gente já foi infectada no Brasil, há poucas semanas ou meses, e ele já tem anticorpos que ajuda a não proliferar isso daí" (Jair Bolsonaro).*

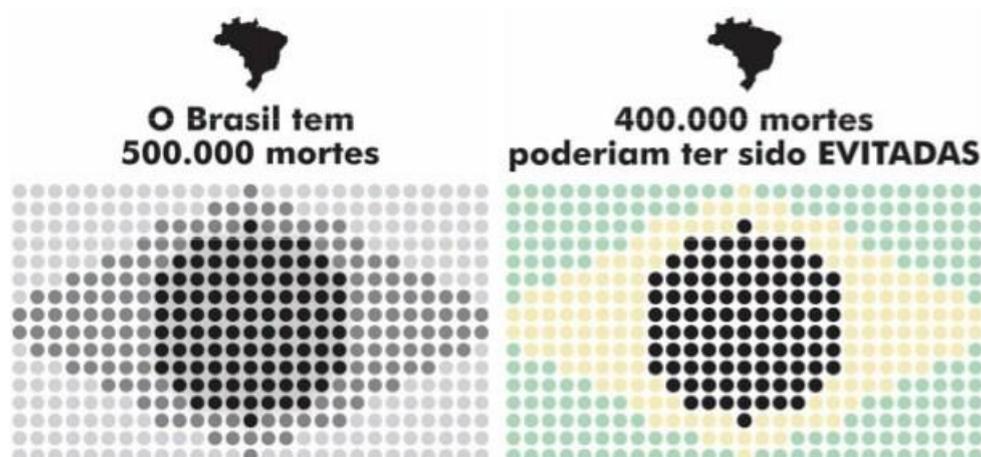
Além do deboche para desacreditar o discurso científico também percebemos que o discurso político apropriou-se da heterogeneidade do discurso constituinte científico e indicando remédios como a composição dada pelo chamado “Kit Covid”:

*"Muitos têm sido salvos no Brasil com esse atendimento imediato, neste prédio mesmo, mais de 200 pessoas contraíram a Covid e quase todas, pelo que eu tenha conhecimento, inclusive eu, buscou esse tratamento imediato com uma cesta de produtos como a ivermectina, a hidroxicloroquina, a Anita, a Azitromicina, vitamina D, entre outros, que não tiveram sucesso, desconheço que uma só pessoa deste prédio tenha ido ao hospital para se internar" (Jair Bolsonaro).*

Enquanto víamos o número de mortes crescendo e nós, pertencentes à áreas científicas, tivemos a certeza de que a vacina seria a melhor solução, o discurso político estava amarrado por quase um ano fazendo chacotas. Pessoas, seguidoras do discurso político passaram a desacreditar as vacinas.

Todas essas disputas discursivas narradas nesse editorial custaram vidas reais. Com o intuito de entender o que ocorreu no Brasil para que tantas pessoas morressem, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da COVID, ouviu o Epidemiologista Pedro Hallal. Em seu depoimento o cientista nos informou de um cálculo no qual cerca de 400 mil mortes teriam sido evitadas se a postura das autoridades brasileiras tivesse sido a de seguir o entendimento científico – Distanciamento social e celeridade nas vacinas.

**Figura 1:** Imagem Exibida pelo Prof. Dr. Pedro Hallal no seu depoimento à CPI da COVID-19



Fonte: Hallal (2021)

*“O Brasil é um dos piores países do mundo na resposta à COVID-19. Não há outra justificativa que não a postura anti-ciência adotada no país. Investir na aquisição da Imunidade de rebanho foi uma estratégia inicialmente equivocada, mas que a Suécia adotou no começo da pandemia. Então, apenas equivocada.*

Mas, depois de um certo tempo, se torna uma estratégia repugnante. Com toda a evidência científica mostrando que a imunidade de rebanho, por infecção natural, não era atingível para COVID-19. Quatro de cada cinco mortes não teriam ocorrido se estivéssemos na média mundial e entre 95 e 145 mil mortes foram causadas pela demora em comprar a vacina” (Pedro Hallal em depoimento à CPI da COVID-19).

Diante de tal contexto, afirmamos aqui, mais do que nunca, a importância da Educação Científica e Tecnológica, do Ensino de Química para a formação de pessoas atentas, críticas, engajadas, capazes de interpretar situações como a que vivemos e ativistas – capazes de pressionar instituições que descreditam as Ciências – não baseadas em evidências, mas em uma tentativa de perpetuação de seus interesses mais espúrios. Interesses, negociados, rabos presos com empresários(as), como queiram chamar. Não podemos deixar de lado o fato de que nossa revista, com foco no ensino da Química, posiciona-se em defesa da vida, da vacinação, em defesa da ciência e da democracia. A REDEQUIM não se cansa de dizer sobre a importância da Ciência para a vida e a importância das políticas públicas de Saúde – como o SUS – para que essa vida não seja, jamais, negociada.

Nesta edição da REDEQUIM, temos dezessete artigos, englobando todas as seções do nosso periódico. É uma edição histórica por duas novidades: os artigos estão no novo formato, mais simples para edição e leitura, e a incorporação do sistema DOI, *Digital Object Identifier System*, para identificação dos artigos. Vamos em frente!

José Euzebio Simões Neto

Editor Geral

Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira

Editor da Seção Debates em Direitos Humanos,  
Culturas e Justiça Social no Ensino de Química